

ARIANE PORTO ENTRE A TERRA E O MAR, UMA ARTISTA QUE TRANSFORMOU A ESCUTA EM CINEMA

Da infância em que descobriu a força das palavras aos projetos que colocam comunidades como protagonistas de suas próprias histórias, cineasta, escritora e produtora cultural construiu uma trajetória marcada por memória, território e resistência.

Antes de existir a cineasta, existia uma menina que precisava inventar mundos.

Aos 7 anos, Ariane Porto escreveu um poema na última página de um caderno de matemática. A professora encontrou aqueles versos e disse que aquele não era lugar para “poeminhas tolos”. Talvez estivesse ali, naquele pequeno deslocamento, uma das primeiras experiências de uma artista que passaria a vida questionando lugares estabelecidos: onde cabem as histórias? Quem pode escrever? Quem tem o direito de ser visto? Ariane costuma dizer que sua trajetória não começou quando escolheu uma profissão, mas quando se percebeu como indivíduo e compreendeu a existência do outro. Antes da atriz, escritora, roteirista, cineasta e pesquisadora, havia uma criança fascinada pelos livros, pelas histórias contadas pela mãe e pela capacidade das palavras de criar territórios onde a realidade pudesse ser reinventada.

Sua obra nasce justamente desse encontro entre mundos. Entre a terra vermelha de Campinas e as águas do litoral norte paulista. Entre a chácara no bairro Aparecidinha, as memórias da roça e o convívio com comunidades tradicionais; entre o mar, a mata e os saberes caiçaras herdados da família.



“Meu interior sempre foi moldado pela minha região”, afirma.

Não se trata apenas de uma origem geográfica, mas de uma maneira de olhar. O território, para Ariane, nunca foi cenário. Sempre foi personagem.

“Eu nasci convivendo com os caiçaras, com o pessoal da roça. É daí que vem o meu olhar artístico, a minha maneira de fazer cinema.”

Seu cinema nasce desse princípio: antes de registrar, é preciso escutar.

A câmera como ferramenta de encontro. Antes de muitas discussões contemporâneas sobre cinema ambiental, acessibilidade cultural e comunicação comunitária ganharem espaço, Ariane já levava equipamentos para territórios onde poucas câmeras chegavam.

No litoral norte paulista, entre comunidades caiçaras, povos originários e paisagens ameaçadas pela especulação imobiliária, ela percebeu que contar histórias também era uma forma de preservar memórias.

Nos anos 1980, criou o Centro Cultural São Sebastião Tem Alma, iniciativa que aproximava cultura, educação e mobilização social. Com poucos recursos, o projeto registrava histórias locais, realizava ações culturais e levava o audiovisual para públicos que raramente apareciam nas telas. Dessa experiência nasceu a TV Povos do Mar, uma das iniciativas pioneiras de comunicação comunitária, e posteriormente o longa-metragem

A Ilha do Terrível Rapaterria, lançado em 2006, com participação de nomes como Lima Duarte e Arlete Salles.

Mais do que uma produção voltada ao público infantil, o filme carregava uma visão de mundo: crianças, comunidades tradicionais e territórios também são produtores de conhecimento, imaginação e cultura.

Ariane nunca acreditou na ideia de que a arte deveria falar por alguém.

“O que a gente faz é criar ouvidos.”

Para ela, comunidades nunca foram silenciosas. O desafio sempre foi criar espaços para que suas narrativas fossem reconhecidas.



Quando quem era personagem passa a ser autor

Essa ideia atravessa uma das experiências mais importantes de sua trajetória: o projeto Bem-Te-Vi, criado em 2005.

Em um período em que a produção audiovisual ainda estava longe da democratização trazida pelas tecnologias digitais, o projeto colocou crianças indígenas, quilombolas, pessoas com deficiência e jovens de diferentes contextos sociais atrás das câmeras.

Eles não eram apenas personagens.

Eram criadores. Aprendiam a produzir animações, documentários e ficções, descobrindo que contar uma história também significa assumir responsabilidade sobre aquilo que se escolhe mostrar.

Para Ariane, democratizar o cinema nunca significou apenas ampliar o acesso às obras, mas garantir participação nos meios de produção.

“A arte é o lugar de onde a gente se vê.”

A frase sintetiza uma trajetória inteira. A arte como espelho, mas também como possibilidade de transformação.

O pioneirismo e a poeira da estrada

Reconhecida pela defesa da cultura independente e por sua atuação em projetos de impacto social, Ariane rejeita a imagem romantizada do pioneirismo.

“Pioneiro come muita poeira.”

A frase resume uma carreira construída entre persistência, recusas e recomeços. Para ela, abrir caminhos significa enfrentar estradas ainda inexistentes.

“As pessoas veem as pingas que eu tomo, mas não veem os tombos que eu levo.”

Essa resistência aparece também em um de seus projetos mais persistentes: a cinebiografia de Antônio Carlos Gomes, compositor campineiro que conquistou reconhecimento internacional no século XIX.



Ao lado do tenor Jean William, Ariane busca revelar um Carlos Gomes para além dos retratos oficiais: um artista negro, filho de indígenas e afrodescendentes, atravessado pelas contradições de uma época marcada por desigualdades sociais e raciais. O projeto atravessa décadas de tentativas, pesquisas e buscas. “O grande desafio é manter a chama acesa. Às vezes ela fica fraquinha, quase apaga. Mas ela não se apaga.”

O interior como origem, não como passagem
A trajetória de Ariane Porto também confronta uma velha ideia brasileira: a de que o interior seria apenas um ponto de partida para quem deseja alcançar reconhecimento nos grandes centros. Para ela, essa visão limita a potência dos territórios.

“O interior não é um lugar de passagem. Ele é um lugar de criação, um celeiro de criação.” É desse chão que surgem vozes, personagens, linguagens e formas próprias de interpretar o mundo. Sua carreira demonstra que é possível construir uma trajetória internacional sem abandonar as próprias raízes. “O mundo é do tamanho do nosso interior.” Não apenas o lugar onde se nasceu, mas o espaço íntimo de experiências, memórias e referências que cada artista carrega.

Cinema, natureza e direitos humanos
Essa visão também está presente no ECOCINE – Festival Internacional de Cinema Ambiental e Direitos Humanos, criado por Ariane e reconhecido como um dos festivais pioneiros do gênero no Brasil. Ao longo dos anos, o evento consolidou uma plataforma de reflexão sobre sustentabilidade, preservação ambiental, diversidade e direitos humanos. Mas, para Ariane, independência não significa apenas autonomia financeira. Significa liberdade de pensamento.

divulgação



“O pensamento livre é fundamental para a existência e sobrevivência.”

Essa escolha envolve princípios. O festival já recusou apoios que não dialogavam com seus valores ambientais e sociais.

Na sua visão, cultura não pode ser construída apenas pela lógica do financiamento. Ela precisa carregar compromisso.

A dor transformada em narrativa

Entre suas obras mais íntimas está *Mama Minha!*, documentário lançado em 2022 no qual Ariane transforma uma experiência pessoal de enfrentamento de uma doença grave em reflexão sobre corpo, vida e resiliência.

A câmera, nesse momento, deixa de olhar para o mundo externo e volta-se para dentro.

O filme transforma uma experiência individual em encontro coletivo. Ao compartilhar vulnerabilidades e descobertas, Ariane cria identificação com outras mulheres que atravessaram processos semelhantes.

A arte aparece novamente como ferramenta de elaboração.

Não para apagar a dor, mas para transformar experiência em memória.

Essa investigação aproximou cinema, ciência e saúde, dando origem também a pesquisas em Arte e Neurociência e ao projeto *Células em Jogo*, que conecta processos científicos e criação artística.

Mulheres que criam novos imaginários

Ao refletir sobre a presença feminina na cultura, Ariane fala de mulheres como guardiãs de histórias, conhecimentos e possibilidades.

Para ela, ocupar espaços não basta.

É preciso transformar esses espaços.

A mulher artista, quando assume sua própria narrativa, modifica também a maneira como outras histórias podem existir.

Sua trajetória é atravessada por essa construção: criar caminhos para que diferentes vozes possam aparecer.

O futuro é feito de memória

Para as novas gerações de artistas, Ariane não oferece fórmulas. Oferece uma provocação:

“Sejam vocês.”

Mas essa liberdade, segundo ela, precisa caminhar junto com estudo, curiosidade e memória.

É preciso conhecer quem veio antes, as mulheres que abriram caminhos, os artistas que construíram as estradas pelas quais hoje muitos caminham.

“O mundo não começa e nem termina com nenhum de nós.”

Talvez essa seja a síntese de sua própria trajetória. Uma artista que nasceu entre a terra e o mar, entre a memória e o futuro, entre histórias antigas e novas possibilidades.

Uma mulher que passou a vida criando narrativas porque, antes de tudo, aprendeu a ouvir.

Ariane Porto não transformou apenas o cinema em território de escuta.

Transformou a própria arte em um lugar onde pessoas, comunidades e memórias podem finalmente se reconhecer.

divulgação



Urban Magazine